

**Veja - SP**

Ele está em todas  
Publicado: 02-11-2016



**MULTIPLICAÇÃO** Zaher na Concept (em fotomontagem): ambição de formar uma rede inspirada nas melhores escolas

# ELE ESTÁ EM TODAS

O mercado da educação não tira o olho dos movimentos de Chaim Zaher, o maior dono de escolas do Brasil

**CECÍLIA RITTO**

PAULO VITALE

114





**ANCORADO** em um forte sotaque do interior de São Paulo, o empresário Chaim Zaher, 62 anos, recorre à origem libanesa para explicar como se tornou o maior dono de escolas do Brasil. “Já viu árabe fazer mau negócio?”, brinca. Seu feito mais recente foi costurar a fusão entre a Universidade Estácio de Sá e o grupo Kroton, uma operação de 5,5 bilhões de reais que reuniu sob o mesmo guarda-chuva 1,6 milhão de alunos (um recorde mundial) e desencadeou uma frenética busca de coalizões entre faculdades menores para fazer frente ao gigante — numa área, ele mesmo admite, longe de sua especialidade. O forte de Zaher é

o ensino básico. As 39 escolas do grupo SEB, do qual a família é a única dona, concentram 45 000 alunos, e o plano é chegar a 100 000 em 2020. A quadragésima e a 41ª escolas são ambiciosas: em duas unidades da Concept (veja **+**), a ser abertas em 2017, em Ribeirão Preto e Salvador, ele pretende inaugurar um inovador sistema de ensino calçado no que há de melhor no mundo, o qual chama de “hub de soluções educacionais”.

Cada passo do empresário chacoalha o mercado — e multiplica em igual proporção a admiração e as mágoas quanto a seu método de trabalho. Zaher chegou à Estácio de Sá depois que uma de suas escolas, a Uniseb, foi comprada pelo gigante universitário, e lhe garantiu um lugar no conselho de administração (do qual se desligou na semana passada). Naquela época, dizia que seu grau de interferência na universidade seria mínimo, já que seu ramo era a educação básica. Tempos depois, a Kroton propôs a fusão. O clima interno azedou, o grupo à frente da universidade — reticente à proposta — foi afasta-

**Zaher explica a tática para ampliar sua coleção de escolas: “Tem de namorar o cara, falar que o colégio dele é o melhor do mundo e que não acabará nunca”**

do, Zaher assumiu o leme e passou a tocar o negócio do jeito que gosta. “A estratégia dele é comprar para vender. Age com frieza e indiferença impressionantes”, critica um ex-dirigente da Estácio de Sá. O empresário não discorda. “Tive muito sangue-frio. Na hora de negociar, a primeira coisa é olhar no olho do outro. E o olho do Rodrigo Galindo (*presidente do grupo Kroton*) brilhava muito. Ele ia pagar o que eu pedisse”, gaba-se.

Nascido em Beirute, Zaher mudou-se ainda criança com a família para Araçatuba, no oeste paulista, nos anos 1960. Antes de se formar em pedagogia e direito, foi bedel e promotor de novas matrículas em um cursinho pré-vestibular: “Ia de porta em porta, entrava para um café e só saía com um sim”. Uma década depois, pôs na cabeça que seria uma potência na educação privada no país. Foi sócio do Colégio Objetivo em Araçatuba, ganhou o apelido de Turquinho e, mais tarde, já tocando seu próprio negócio, comprou o maior concorrente do Objetivo na cidade, o COC. Sob o comando de Zaher, o grupo de ensino médio e cursi-

nho pré-vestibular se tornou uma potência no interior de São Paulo e serviu de ponta de lança para que o empresário atirasse em outras direções, inclusive no ensino superior. Ele não guarda segredo de seu método para influenciar donos de escola. “Tem de namorar o cara, falar que o colégio dele é o melhor do mundo e que não acabará nunca”, ensina. Compra consumada, Zaher enxuga quadros e multiplica as matrículas. Atualmente, seu patrimônio é avaliado em 1,5 bilhão de reais pela revista *Forbes*.

Falante e simpático, o empresário é do tipo que conhece e trata pelo primeiro nome todo mundo que importa. Depois de sócio, ficou amigo de João Carlos Di Gênio, desbravador da educação privada no país, sócio do grupo Objetivo e da Unip, que está sob investigação por manipular sua nota no Enade, exame que mede a qualidade do ensino superior. Também trata pelo primeiro nome os figurões de Brasília. Já esteve com o atual ministro da Educação, Mendonça Filho, duas vezes. O mais recente ex-comandante da pasta, Aloizio Mercadante, é “o Aloizio”, e o ex-

ministro da Justiça José Eduardo Cardozo é “o Zé”, a quem cumprimenta com um beijo na bochecha. Tornou-se grande amigo de Gabriel Chalita quando este foi secretário da Educação em São Paulo, a ponto de a ligação ter ido parar no Ministério Público. Lá, uma investigação em duas frentes — criminal e cível — apura o pagamento pelo empresário de uma reforma no apartamento do ex-secretário em troca de vantagens em contratos milionários. A denúncia foi rejeitada em primeira instância, mas o



MP recorreu e o caso segue. Zaher se defende daquele modo clássico: “É perseguição”.

Sem se abalar, Turquinho continua ampliando os negócios. A atual obsessão é a Concept, que pretende levar também para o Rio, depois de Ribeirão Preto e Salvador. “Ele ainda vai crescer muito”, prevê Carlos Monteiro, presidente da CM Consultoria, especializada em educação. “Não almeja só a quantidade. Quer ser visto como o melhor.” Ambicioso, Zaher quer mudar a cara do ensino privado no país. ■